

Prefácio

Franklin Delano Roosevelt, talvez o maior dentre todos os presidentes dos EUA, adorava histórias sobre si mesmo. Uma de suas preferidas era a seguinte: durante a Grande Depressão dos anos 1930, um homem que trabalhava em Wall Street e morava no subúrbio tinha um ritual matinal diário. Comprava o jornal a caminho da estação de trem. Corria os olhos pela primeira página e, então, sem dar outra olhada, devolvia-o ao garoto na banca de jornais, embarcando no vagão. Um dia, o menino jornalista criou coragem para lhe perguntar por que ele sempre lia apenas a primeira página. O homem que tomava o trem religiosamente explicou que comprava o jornal somente para ler o obituário. O garoto então argumentou que os obituários ficavam na última página.

— Garoto — disse o homem — o filho da puta em que estou interessado estará na primeira página.

Na época, Roosevelt estava ocupado tentando salvar a economia dos EUA frente a um colapso global colossal. Estava trabalhando para preservar a mais poderosa máquina de geração de riquezas já criada na história do planeta. Para fazê-lo, expandiu radicalmente as fronteiras estatais dos EUA. E, uma década depois, ao final de seu governo e de sua vida, ajudaria a criar as instituições que liderariam uma economia global despedaçada pela guerra e pelo isolacionismo desencaminhado, retomando a via da abertura e da prosperidade.

Ainda assim, foi tido como um vilão por alguns, como o passageiro de trem de Nova York, que posteriormente se beneficiaria do sucesso que o presidente ajudou a restaurar. Roosevelt estava tentando salvar o capitalismo de si mesmo, e alguns dos capitalistas resistiam. Saber qual é o caminho certo a seguir para enriquecer uma nação e o mundo já é bastante difícil. Convencer as pessoas ao redor a fazê-lo é ainda mais difícil.

A crise financeira que começou em 2007 e explodiu em todo o mundo em 2008 é um lembrete ao mesmo tempo do quão frágil e do quão reversível é a história do progresso humano. Mas deveria também nos recordar que nosso

futuro está em nossas próprias mãos. Nós criamos esta bagunça e nós podemos sair dela.

Para fazê-lo, teremos que confrontar uma falsa economia de ideias — as noções de que nosso futuro econômico está predestinado e de que somos arrastados por forças impessoais gigantescas, incontroláveis e impessoais. Para explicar a vasta complexidade da história econômica do mundo temos uma grande variedade de mitos fatalistas: o de que algumas economias (os EUA e a Europa Ocidental) sempre enriquecerão e de que outras (África) sempre continuarão pobres, de que religiões específicas são intrinsecamente ruins para o crescimento, de que as forças do mercado são irrefreáveis, de que a orgulhosa vanguarda da globalização não pode ser derrotada nem obrigada a retroceder.

O objetivo deste livro é explicar como e por que os países, sociedades e economias chegaram ao ponto em que agora estão: o que fez com que as cidades fossem como são, por que a corrupção destruiu alguns países e não outros, por que a economia que alimentou o Império Romano se tornou atualmente a maior importadora de grãos do planeta. Mas este livro rejeitará a ideia de que o estado presente dessas economias estava predeterminado. Os países se defrontaram com escolhas, e essas escolhas determinaram substancialmente seu êxito ou fracasso.

A história econômica é algo difícil de se explicar e de se ler, por dois motivos. Em primeiro lugar, envolve a união forçada de disciplinas que caem naturalmente em direções distintas. A história, em sua forma mais tradicional, vive de pormenores e particularidades — aquilo que o historiador Arnold Toynbee (em tom de desaprovação) definiu como o estudo de “um maldito fato atrás do outro”. A história enfatiza a importância da narrativa sobre o modo pelo qual os países se desenvolvem, o papel desempenhado pelo acaso e pelas circunstâncias na influência de personagens e eventos importantes. A economia, por outro lado, tenta definir leis universais a partir da confusão de dados que o mundo nos fornece — gerando previsões confiáveis e testáveis sobre o funcionamento particular das economias, ou começando em um ponto específico e seguindo por um caminho específico. Ambas as abordagens apresentam riscos. Enquanto a história pode se tornar um acúmulo indisciplinado de fatos aleatórios, a economia corre o risco de descender para a compressão pseudocientífica de uma realidade complexa em uma série simplista de moldes categóricos fixos.

Em segundo lugar, a história econômica está sujeita ao fatalismo. Qualquer estudo que tenha como ponto final o tempo presente sempre será vulnerável à argumentação retrógrada a partir da conclusão. A história tem um escopo e um detalhamento tão ricos que sempre será possível selecionar uma

constelação particular dentre a galáxia de fatos para explicar clara e precisamente por que as coisas são como são. Ainda assim, a história em seguida frequentemente demonstra que tal raciocínio estava equivocado. Ou então fracassa completamente na tentativa de explicar por que outros países e economias semelhantes terminam em pontos distintos.

Se nosso objetivo for aprender com a história em vez de simplesmente registrá-la, temos que parar de transformar razões em desculpas. Se nos metermos fundo demais nas explicações sobre por que as coisas se deram do modo como se deram, correremos o risco de nos chocar contra um muro de determinismo. Os países cometem equívocos por diversas razões. Suas decisões frequentemente são movidas por um grupo de interesse em particular, ou por um conjunto deles, cujos ganhos de curto prazo vão de encontro aos interesses de longo prazo do país. Porém, tais interesses podem ser superados. Países semelhantes, frente a pressões semelhantes, podem tomar decisões diferentes. A maior partes dos países que descobrem petróleo e diamantes em seu território sofre em consequência da descoberta, mas não todos. Alguns grupos de interesse capturaram países e os arrastaram para o fundo do poço; em outros lugares, tais grupos enfrentaram resistência. As crenças islâmicas provaram ser um empecilho para certas economias em certos momentos, mas nem sempre. Algumas economias conseguiram auferir grandes benefícios da globalização de mercados de produtos e serviços; outras ficaram de fora.

A história não é determinada pelo destino, pela religião, pela geologia, pela hidrologia ou pela cultura nacional. É determinada pelas pessoas. Este livro não é uma coleção caprichosa de histórias desconectadas. É uma explicação sobre o modo como os seres humanos moldaram seu próprio destino. Também mostra como as decisões tomadas no presente estão determinando nosso futuro.

Nada pode fazer retroceder o passo da história, apagando nem sequer meia linha do que já foi escrito. Mas ainda podemos compor o roteiro para o resto de nossas vidas e para o futuro além delas.

1. FAZENDO ESCOLHAS

Por que a Argentina foi bem-sucedida e os EUA ficaram para trás?

Todos se lembram dos terríveis acontecimentos que mudaram o mundo na manhã de 11 de setembro de 2001. Todos se lembram dos aviões comandados por terroristas, chocando-se contra as torres gêmeas do Centro Mundial del Comercio, em Buenos Aires. Sendo o país mais rico do planeta e a primeira hiperpotência global da Era Moderna, a Argentina se tornou o principal alvo dos descontentes que se revoltavam contra a força da ordem capitalista ocidental.

Menos pessoas recordam o desastre que acometeu os Estados Unidos da América três meses depois. Poucos se lembram do momento excruciante em que o governo dos EUA, esmagado pelas enormes dívidas que contraía solicitando pesos do exterior, anunciou que estava quebrado. A imploração econômica que se seguiu, na qual milhares de americanos desempregados e desabrigados tiveram que dormir ao relento e revirar latões de lixo no Central Park, em Nova York, chocou apenas aqueles que ainda pensavam nos EUA como um país do Primeiro Mundo.

Bem, na verdade, nada disso. O que ocorreu foi o contrário. Mas isso não era inevitável. E a crise que acertou justamente os EUA — e depois todo o sistema financeiro global, ameaçando afundar o planeta em uma nova Grande Depressão — deveria servir como um alerta sombrio disso. Os EUA poderiam ter seguido o rumo tomado pela Argentina. Aliás, ainda podem seguir por esse caminho, caso sejam esquecidas as dolorosas lições do passado.

O mais provável é que, com o longo decorrer da história, o tumulto que se iniciou com a contração de crédito em 2007 e foi se ampliando até se tornar uma plena emergência financeira global em 2008 seja visto como uma crise do capitalismo, mas não sua crise terminal. A economia mundial — e, particularmente, a dos EUA — já se recuperou, no passado, de crises financeiras e recessões econômicas, e até mesmo de depressões.